

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Ana Helena Roso Sordi

As diferentes histórias dos Três Porquinhos

Trabalho realizado para a disciplina EDM0689 - Texto e Imagem:
Literatura para Crianças na Escola
Professora Neide Rezende

Introdução

Faço estágio numa escola da prefeitura, numa sala do primeiro ano com 56 alunos. Uma vez por semana, saio com metade da sala para um momento de cantinho, que na verdade acabou se tornando um momento de leitura. Neste trabalho vou relatar e explicar uma atividade que já fiz com os meus alunos, sugerindo também outras que não tive a oportunidade de concluir, além de analisar os livros utilizados. De todas as muitas atividades, vou comentar aqui a releitura que fizemos da história dos "Três Porquinhos".

Dessa forma, a minha seqüência didática se encaixa no seguinte contexto: 23 alunos de uma escola Municipal, com um encontro uma vez por semana.

1. Esquema da seqüência didática

- Leitura da história original dos "Três Porquinhos"
- Discussão sobre as características da história
- Leitura da releitura dos "Três Porquinhos"
- Discussão sobre as características da história
- Discussão coletiva sobre as obras - processos imaginativos/mudanças na história
- Avaliação: desenhos para comparar as duas histórias

2. Objetivos gerais da seqüência didática

Fazer com que os alunos percebam a diferença entre as histórias para, dessa forma, criar uma percepção de que, conforme alguns elementos dela são trocados, a história muda também e que por isso os elementos se tornam tão essenciais para a história ser do jeito que ela é. Espera-se que no final eles percebam mais profundamente os detalhes e a ordem cronológica da história.

Autores como Poslaniec e Houyel (*apud* FARIA, 2012, p. 20) acreditam que a criança deva ser capaz de ligar causa e consequência, de encontrar uma construção lógica mesmo se o tema é irracional, de distinguir o que está dito explicitamente e o que pode ser deduzido para entender uma narrativa, seja esta apenas textual ou com articulação imagens e texto.

Além disso, os meus alunos estão no primeiro ano e o aprendizado da leitura não pode ser dispensado de forma alguma, já que estão no início da alfabetização e o livro é muito importante para esse processo. Rego (*apud* FONTES, 1997, p. 45) acredita que ler para crianças significa incentivá-las a aprender a ler e que este momento é uma oportunidade para que percebam a funcionalidade e as características da linguagem contida nos textos escritos. Maria Alice Faria (2012) diz que o livro é uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação, já que "as crianças devem automatizar o ato de decodificação de modo que seu espírito esteja disponível para outras coisas (encontrar sentido, conotar, se projetar, se identificar,

analisar, estabelecer relações" (p.22) e para isso "a única maneira de automatizar este ato é... ler" (p. 22)

3. Estrutura da narrativa

Como afirma Maria Alice Faria, as narrativas tradicionais ou modernas podem ser definidas como "expressão de modificações de um estado inicial" (FARIA, 2012, p. 24). Por isso, a estrutura é essencialmente temporal. Segundo ela, pode-se sintetizar as fases de uma narrativa da seguinte forma:

- a) Situação Inicial: apresenta um estado de equilíbrio ou já um problema.
- b) Desenvolvimento: o equilíbrio passa a desequilíbrio com o surgimento de um problema. O "miolo" da narrativa concentra as tentativas de solução, com ou sem ajuda de pessoas ou atos reais ou da ordem do maravilhoso.
- c) Desenlace: pode ser feliz ou infeliz. No desenlace feliz há a solução do problema e a recuperação do equilíbrio. No infeliz, o problema não é resolvido e o equilíbrio inicial não é recuperado.

Por enquanto, a intenção aqui não é fazer com que as crianças percebam essas fases especificamente na história, mas que consigam perceber que, se ocorre uma mudança em um desses aspectos, as outras fases vão mudar como consequência.

4. O trabalho do texto com a imagem

A seqüência de imagens propostas no livro ilustrado conta freqüentemente uma história – cheia de "brancos" entre cada imagem que o texto de um lado e o leitor cooperando de outro vão preencher. Mas a história que as imagens contam não é exatamente aquela que conta o texto. Tudo se passa como se existissem dois narradores, um responsável pelo texto, outro pelas imagens. Estes dois narradores devem encontrar um *modus vivendi* que se traduzirá seja pela submissão de um ao outro (uma forma de redundância ou de insistência), seja por uma forma de afrontamento (o texto não conta nada do que contam as imagens, ou o inverso, o que produz um segundo nível de leitura), seja por uma divisão da narrativa: as novas informações são traduzidas sucessivamente pelo texto e pelas imagens. E esta cooperação tem um papel sobre o explícito, sobre o implícito e a economia da narração. O explícito é o que diz o texto e/ou mostra a imagem; o implícito são os "brancos", mas também o que está sugerido pela polissemia da linguagem' (POSLANIEC *apud* FARIA, 2012, p.39)

Continuando com esta explicação, Maria Alice Faria (2012) afirma que a relação entre a imagem e o texto no livro infantil pode ser de repetição e/ou de complementaridade, segundo os objetivos do livro e a própria concepção do artista sobre a ilustração do livro infantil. No caso da repetição, o texto escrito é uma orientação para o educador lê-lo para a criança e esta identificar na página o desenho correspondente ao que lhe foi lido, e, no caso da complementaridade, o texto e a imagem apresentam contribuições específicas para a leitura integral da história, tendo, portanto, funções diferentes. "Desta forma, as funções da imagem no livro ilustrado seriam a de 'criar/sugerir/complementar o espaço plástico', quanto à descrição e marcar os momentos-chave

da ação na narrativa pela duplicação visual", conforme acredita Durand e Bertrand (*apud* FARIA, 2012, p.42).

As crianças podem e devem ser estimuladas a encontrar os detalhes das imagens, despertando a observação e desenvolvendo a elocução. Nesta hora, é o momento do educador conversar com as crianças sobre o que se passou, sobre as diversas imagens encontradas, qual a correspondência com o texto, o que as imagens fazem com que a gente perceba da história, lembrando que se o texto é longo (como é o caso dos dois livros utilizados, principalmente no livro dos *Três Porquinhos Pobres*) a ilustração pode captar algumas situações-chave da narrativa, criar atmosferas e dar ao desenhista liberdade de criação em seus desenhos, o que não existe em textos curtos, em que a ilustração tem a função de complementaridade do texto escrito.

5. Desenvolvimento da Sequência Didática

Etapa 1

A primeira etapa (cujo planejamento de tempo cabe ao professor, dependendo do contexto de desenvolvimento da SD) será um momento de leitura da história dos "Três Porquinhos". O livro que a minha escola possui é da coleção da Xuxa "Conte outra vez".

Acho importante comentar que a proposta de trabalhar com estas histórias dos três porquinhos só surgiu como um planejamento meu depois que os alunos escolheram, por meio de uma votação, ler essa história, ou seja, esta foi uma história que eles estavam interessados em ouvir. Na maioria dos nossos momentos de leitura, seleciono alguns livros e, por meio de votação, eles escolhem o livro que querem que eu leia.

Então, nessa primeira etapa, formaria com eles uma roda de leitura, alternando meninos e meninas para fazer com que a conversa diminua.

Esclareço que foi impossível fazer a leitura do livro em somente uma aula. Isto porque nunca temos a aula inteira para a atividade, perdemos tempo no processo de chamar os alunos, formar a fila, ir para o local da leitura e, além do mais, a conversa entre eles atrasa muito a leitura. Geralmente lemos na entrada da escola ou no pátio, já que somente algumas vezes consigo ir com eles para a biblioteca – que seria o lugar ideal. A biblioteca é o ambiente mais correto para esse momento de leitura porque as estantes de livros já passam uma sensação de conhecimento das palavras; além do mais é o ambiente mais silencioso e confortável, com tapetes no canto, que os fazem curtir ainda mais esse momento. Precisaríamos de, no mínimo, duas aulas para ler cada história.

Junto com a leitura, costumo mostrar para eles a ilustração e discutir sobre algumas de suas características. No caso desse livro, indagava bastante sobre os materiais que os porquinhos estavam usando para construir as suas casas e sobre as atitudes deles durante o processo mostrado pelas imagens; também quando o lobo assopra a casa do primeiro porquinho, que era feita de varas, se o lobo tinha muita força ou não e que objetos saíram voando.

Tanto na primeira quanto na segunda aula ocorreu também uma conversa sobre a ordem dos acontecimentos na história. Por exemplo: os porquinhos têm medo do lobo e por isso eles decidiram construir as casas, mas por que eles não as construíram juntos? Por que a casa de vara e a casa de madeira não aguentaram? Por que a dos tijolos aguentou? Demorou mais tempo para fazer a casa de tijolos? Como eram as personalidades dos porquinhos? Desse modo é possível fazer com que as crianças comecem a entender certos elementos da história, sua ordem, sua importância, suas características.

Ainda bem que os dois irmãos tiveram a idéia de se segurar na trave do teto. Porque, quando o lobo soprou, a trave saiu voando e foi cair perto da casa de Bolinha.

— Socorro! Socorro! — gritava Bolão, apavorado. — O lobo derrubou a minha casinha com um sopro só!

— Socorro! Socorro! — berrava Bolacha, quase sem fôlego. — Com dois sopros o lobo desmanchou a minha casa!

— E agora ele vem correndo para pegar a gente — explicaram os dois juntos.

Ao escutar aquela gritaria, Bolinha saiu na janela. Viu os irmãos fugindo e disse:

— Entrem depressa e tranquem bem a porta. Os dois correram para dentro e fecharam tudo o que havia para fechar. Depois se encolheram num canto.

— Não precisam ter medo — disse Bolinha. — Eu garanto que o lobo não consegue derrubar esta casa.

— Não, é? — duvidou Bolão. — Eu também pensei que ele não derrubasse a minha. E ela caiu...

— E da minha não sobrou nada... — suspirou Bolacha.



Etapa 2

Nesta etapa seria feita a leitura do livro *Os Três Porquinhos Pobres*. Comecei falando sobre o autor (Erico Veríssimo) e a ilustradora (Eva Furnari). Conversamos a respeito do que seria ser um autor de uma história; por que será que esse autor quis mudar a história dos Três Porquinhos e também que a ilustradora deve ter gostado da história já que ilustrou o livro. Sobre isso, Maria Alice Faria (2012, p. 18) comenta que "pode-se estimular a curiosidade das crianças para descobrir ou refletir como o autor e o ilustrador compuseram seu livro", para, dessa forma, levar os alunos a descobrir os "paratextos" (elementos textuais e iconográficos que não participam diretamente da história, como a capa e contracapa, a página de rosto, dedicatória, prefácio, epígrafe, notas, apresentação do autor, do livro, entre outros) e aprofundar seus instrumentos de leitura.

Antes de iniciar a leitura, perguntei para os alunos o que será que o livro contaria para a gente, qual seria a diferença que esta história teria em relação àquela que tínhamos acabado de ler. As respostas foram desde: "Os porquinhos não vão ter dinheiro para comprar os materiais para fazer uma casa" até "Eles não têm pais e não têm nem dinheiro para comprar comida". Deixei-os com essas indagações e disse que iríamos descobrir conforme íamos lendo o livro. E comecei a leitura.

Por mais que alguns autores e estudiosos acreditem que não seja proveitoso pedir aos alunos que imaginem sobre a história antes de ela ser lida propriamente, pois estas expectativas podem acabar, por exemplo, gerando frustrações, considero que, neste caso, por ser uma análise

da diferença das histórias, é muito interessante uma conversa prévia do que será que o livro vai apresentar, para ajudar na discussão.

A minha leitura foi, sem dúvida, acompanhada muito pelas ilustrações do livro. Conforme lia uma página, acabávamos comentando sobre as imagens, mediante um questionamento meu ou comentário de alguma criança. Os desenhos são realistas, mas apresentam alguns traços engraçados, então, por exemplo, a casa da fazenda é toda torta com até uma emenda de roupa na parede ou uma emenda na grama. As crianças se viram muito presas às ilustrações, então, quando o livro apresenta uma imagem do lobo pendurado numa árvore fingindo ser uma fadinha, as crianças ficaram admiradas no quanto o lobo parecia uma fada mesmo e o quanto eles iriam acreditar que seria uma fada se eles fossem os porquinhos.



Etapa 3

Neste momento, acredito ser interessante concluir as duas obras com os alunos. Por isso é bom aproveitar muito os questionamentos e a conversa para, juntos, discutirmos alguns elementos como:

- Qual é a ordem da história?
- E se os porquinhos tivessem feito uma casa só para os três morarem juntos, o que será que iria acontecer?

- Se a casa do terceiro porquinho também fosse derrubada pelo sopro do lobo o que os porquinhos iriam fazer?
- Se o lobo tivesse conseguido pegar os porquinhos no encontro na macieira, o que iria acontecer?
- Será que se os três porquinhos pobres não tivessem ido ao cinema e visto o filme dos três porquinhos aventureiros, eles iriam querer entrar em aventuras mesmo assim?
- E se a Lua não tivesse conversado com eles? O que eles iriam decidir fazer dali pra frente?
- Se os três porquinhos pobres não tivessem a ajuda do Monte Cristo, como iriam sair da cadeia? Eles iam conseguir sair?
- Se a vovó da Chapeuzinho Verde realmente fosse o lobo, será que eles teriam coragem de lutar contra o Lobo Mau?
- Se o vovô da Chapeuzinho Verde não tivesse feito esse acordo com o três porquinhos, o que poderia ter acontecido?

Acho importante propor para os alunos esses questionamentos das probabilidades sustentadas pela ordem da história e o quanto os elementos são importantes.

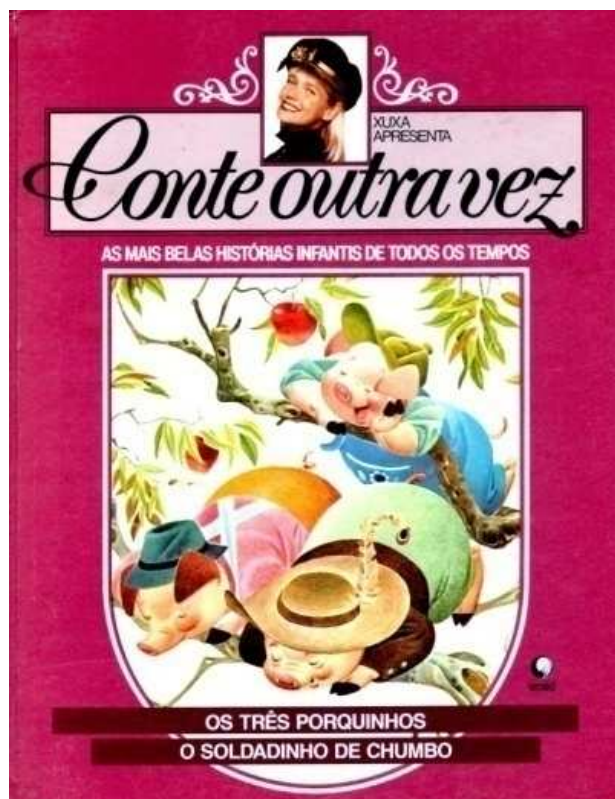
- Se, por acaso, nós mudássemos os elementos, como se daria a continuidade da história?

Etapa 4 - Avaliação

Como avaliação final, utilizei uma página dividida ao meio e canetinhas, com o objetivo de que em cada metade da folha eles desenhem uma história, ou seja, na primeira parte eles têm que desenhar uma parte da história dos três porquinhos e na outra a história dos três porquinhos pobres, diferenciando assim, as histórias lidas e discutidas. O objetivo é avaliar se eles conseguiram entender os elementos e as suas diferenças nas duas histórias.

7. Os Três Porquinhos (versão da Xuxa)

a) O livro



Trata-se de um livro retangular, de 28x21 (cm), com a capa roxa e as páginas brancas. De uma coleção da Xuxa que se chama "Conte outra vez" e que tem como classificação: As mais belas histórias infantis de todos os tempos. Essas histórias foram extraídas de uma edição da obra "Era uma vez...". A Editora é a Globo e seu ano de publicação é de 1991. As ilustrações da história dos Três Porquinhos foram feitas pelo Silveiro Pisu. Achei curioso que este não tenha feito as ilustrações das outras histórias do mesmo livro. Por exemplo, a história do Soldadinho de Chumbo, que está nesse mesmo livro, foi ilustrada por outra artista chamada Pikka. Porém, elas apresentam desenhos muito semelhantes como se fossem, realmente, do mesmo artista.

As ilustrações são muito coloridas, em plano geral (abrange a pessoa ou objetos dentro do local de ação e apresenta uma parte do cenário ou paisagem) e muito presentes nas páginas, ocupam as duas páginas como se fosse uma só. Dessa forma, o ilustrador utilizou melhor o espaço quando, por exemplo, o lobo está em uma página e assopra a casa que está na outra. Além de realistas, as ilustrações apresentam bastante detalhes: se a casa é vista de fora, apresenta o lobo, a casa, a paisagem, árvores, grama, flores, os animais, os objetos que voaram; se é de dentro, apresenta todos os objetos, a expressão facial dos porquinhos no momento em que o lobo está tentando entrar na casa e até mesmo os passarinhos que estão dentro dela.

Os textos, em sua maioria, são arranjados em uma caixa de texto (separados das figuras) uma vez por página. O texto não apresenta o espaçamento do parágrafo em nenhum momento. Conforme a página e as ilustrações, a caixa de texto muda de tamanho, então em alguns momentos, pode-se ter com 26 linhas e outras com 12.



Mas Bolinha, que não era bobo, estava atento, espiando pela janela. Quando viu o lobo subindo a escada, ele disse para os irmãos:

— Rápido, acendam o fogo na lareira. Pelo jeito, esse lobo safado vai tentar entrar pela chaminé.

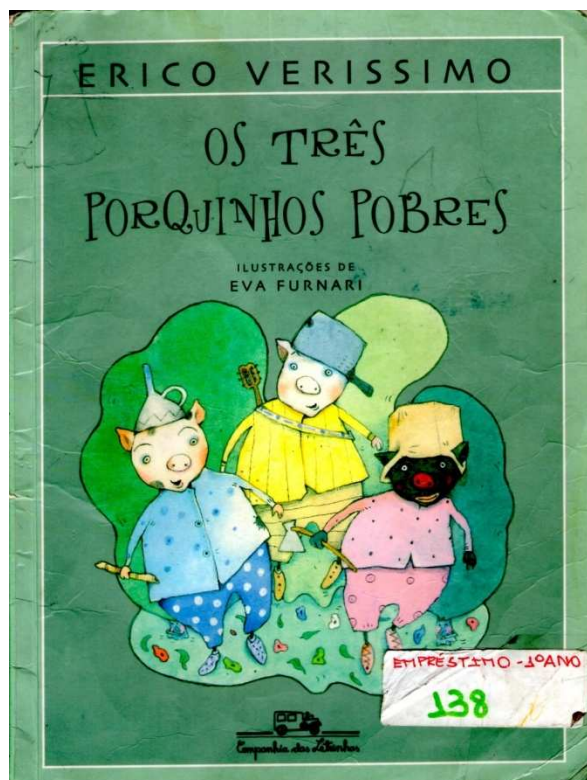
Bolão e Bolacha foram logo jogar lenha na lareira. Depois acenderam o fogo num instante e sopraram com o fole para fazer a chama subir bem alto.

b) A história

Esta narração tem 24 páginas e conta a história dos Três Porquinhos que resolveram construir três casas uma para cada um, com materiais bem fortes para o lobo não os pegar (já que era disso que tinham medo). O primeiro porquinho fez uma casa de vara, que logo foi derrubada pelo lobo. Ele então fugiu para a casa do segundo porquinho que tinha feito a sua casa de madeira, mas esta também não conseguiu aguentar a força do sopro do lobo. Ambos então fugiram para a casa do terceiro porquinho, que tinha tido mais trabalho, por que a construíra com material mais resistente, tijolos. O lobo não conseguiu derrubar a casa e fez uma proposta para os porquinhos o encontrarem no dia seguinte fora de casa, para, assim, ele conseguir pegá-los. Porém, os porquinhos foram mais ágeis, chegaram antes no lugar combinado e ficaram em cima da árvore (onde o lobo não conseguiria capturá-los). De lá, jogaram uma maçã e o lobo foi atrás da fruta, assim os porquinhos puderam voltar para casa seguros. O lobo ficou tão furioso por ter sido enganado que voltou para a casa de tijolos e resolveu então entrar pela chaminé da lareira, só que os porquinhos perceberam a tempo e acenderam uma fogueira. Quando o lobo desceu se deparou com a lareira acesa, queimou o rabo e saiu correndo. E nunca mais voltou. Os três porquinhos então se juntaram para fazer uma casa maior bem forte para os três morarem juntos.

8. Os Três Porquinhos Pobres (versão de Erico Veríssimo e ilustrações de Eva Furnari.)

a) O livro

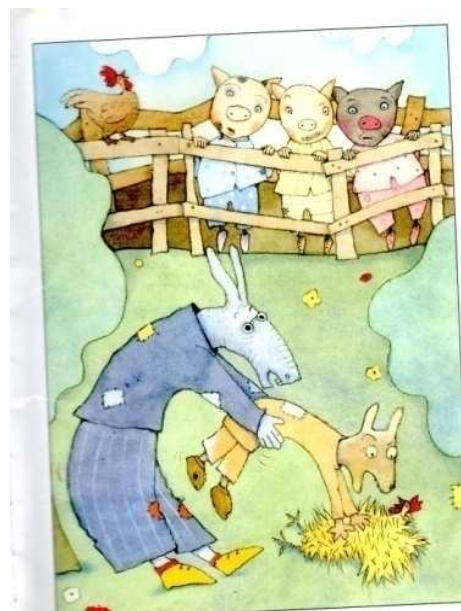
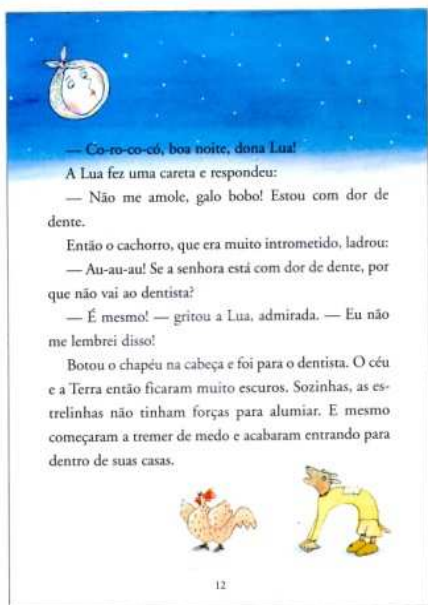


Trata-se de um livro retangular, 25,5x19 (cm), com a capa verde e as folhas brancas. Foi publicado em 2007, pela Companhia das Letrinhas.

As ilustrações vão desde o plano geral, como é o caso do livro anteriormente analisado, como plano médio (geralmente, frontal, destaca pessoas de corpo inteiro, também aplicável a outros elementos da imagem). Há páginas que não têm nenhuma ilustração. As ilustrações são um complemento para o texto: realistas, possuem características próprias, por exemplo, Eva Furnari utiliza muito de remendos em várias imagens, remendos até mesmo na parede da casa. Em cada página encontram-se de um tamanho e jeito: ocupam metade da página; ocupam a página inteira; ocupam um pouco da página (com somente uma imagem específica – por exemplo, o desenho da galinha tremendo ou do sol bocejando); imagem com texto; uma imagem de fundo (como é o caso da imagem da noite com a lua, que fica por detrás do texto).

Também nas ilustrações os livros se diferenciam. No caso do texto, a história e as imagens são arranjadas dentro de um enquadramento feito na página, como se fosse uma moldura. São realistas, porém, apresentam características da artista, que faz com que o desenho se diferencie. E algo importante também a ser notado é que neste livro cada página é uma página, elas não se interligam como no livro da coleção da Xuxa.

O texto é o que tem mais espaço no livro quando comparado com as ilustrações. Em inúmeras páginas, chega a ocupar a página inteira, sem ter presente nenhuma ilustração. A letra é grande e possui o espaçamento do parágrafo. Mesmo que o texto esteja bastante presente no livro, ele não deixa que as páginas fiquem pesadas, tem um espaçamento bom, está bem enquadrado, o que não deixa a página "poluída".



b) A história

A história é desenvolvida em 43 páginas. Nelas é contada a história de três porquinhos que moravam em um chiqueiro e que, ao cansarem da vida triste que levavam na fazenda, resolvem fugir. Além do mais, em todo Natal ficavam com medo do perigo que corriam de ir parar no forno para virar refeição. Numa noite, a lua estava com dor de dente e, a conselho do galo, resolveu ir ao dentista deixando as estrelas ali sozinhas. Estas, com medo, resolveram voltar para as suas casas assim deixando no céu e na terra uma grande escuridão.

Os porquinhos aproveitaram essa escuridão e fugiram. Ficaram assustados com o que encontraram para além do portão (muito movimento na rua, automóveis); de repente, um cachorro parou na calçada e começou a rir deles, os porquinhos discutiram com ele e acabaram saindo correndo porque ficaram com medo, porém, correram desnorteados e quando foram perceber já estavam no centro da cidade, perdidos no meio do movimento. Um guarda os viu e os perseguiu, eles correram e de repente se viram na frente de um cinema; decidiram entrar, passando por entre as pernas das pessoas. O filme era sobre os três porquinhos, sendo que o mais velho era o mais trabalhador e estava construindo uma casa de tijolos enquanto os outros dois irmãos cantavam e tocavam instrumentos. Os dois irmãos um dia decidiram passear pela floresta e o irmão mais velho disse: "Cuidado com o Lobo Mau", ao que os irmãos responderam: "Nós não temos medo do Lobo Mau". Na floresta encontraram a menina do Chapeuzinho Vermelho, que ia com um cesto no braço levar bolinhos e um pote de geléia para a sua avozinha que morava no meio do mato. O Lobo Mau estava escondido e viu que Chapeuzinho Vermelho vinha vindo, então se fantasiou de fada e ficou pendurado pelo suspensório no galho de uma árvore, fingindo que estava voando. Chapeuzinho chegou junto com os dois porquinhos, os três pararam vendo o Lobo Mau e pensaram que este fosse uma fada, mas de repente o suspensório arrebentou e, quando perceberam que era o lobo, os três correram.

Então, o Lobo Mau teve a idéia de pegar um atalho e chegar primeiro à casa da avozinha. Chegou na casa e entrou; quando a vovó percebeu o perigo, se fechou no guarda-roupa. O Lobo vestiu a camisa e a touca dela e se meteu na cama. Quando a menina chegou e percebeu que

aquela não era a sua parenta, gritou e saiu correndo. A vovó puxou a menina para dentro do guarda-roupa também. Lá fora, os dois porquinhos viram tudo, correram para sua casa e se meteram debaixo da cama. O porquinho trabalhador que descobriu a trama colocou numa maleta um pacote com milho de pipoca e correu para a casa da avozinha. Ao chegar, viu o Lobo fazendo força para abrir o guarda-roupa, foi para perto dele sem fazer barulho e despejou-lhe dentro das calças todos os grãos de milho de pipoca, depois colocou brasas que estavam no fogão. Assim, as pipocas começaram a crescer e a estourar, fazendo o Lobo Mau se assustar e fugir para a floresta pulando e gritando. Nessa hora, os três porquinhos dentro do cinema começaram a dar pinotes e a roncar e toda gente começou a gritar, então eles fugiram aproveitando toda essa confusão.

Na beira da estrada, pararam, sentaram e começaram a conversar com a Lua, perguntando: "Dona Lua, a senhora que tem vivido muito, que já viu muitas coisas, diga o que é que devemos fazer agora". E ela respondeu: "Vocês viram a fita dos três porquinhos? Pois bem, vocês não são os três porquinhos?" e continuou a conversa: "Perfeitamente, pois imitem os porquinhos do cinema. Saíam em aventuras pelo mundo..."

Os três pegaram no sono; quando acordaram, lembraram do conselho da Lua e resolveram segui-lo. Para isso decidiram se preparar. Numa carroça de lixo encontraram instrumentos para ficar como os três porquinhos aventureiros do cinema – e até cantaram que nem eles. Seguiram pela estrada à procura de aventura até chegarem na Floresta Encantada. Ao se depararem com uma pitangueira, começaram a apanhar as frutas para comer, mas a árvore, achando-se roubada, chamou a polícia, e os porquinhos foram então levados para a delegacia e presos.

Na cela encontraram um tatu chamado Monte Cristo, o qual havia passado os últimos 20 anos preparando a sua fuga. À noite, fugiram juntos e foram parar no centro da floresta, onde encontraram uma festa de cobras e em seguida uma festa de sapos. Porém, logo continuaram e, quando tiveram fome, fizeram uma gemada com a ajuda da lua e dormiram. No dia seguinte, encontraram na estrada uma menina colhendo flores, muito contente. Ela levava no braço um balaio e tinha na cabeça uma carapuça verde. Os três porquinhos então acharam que era a Chapeuzinho Vermelho do filme, foram falar com ela, mas ela disse que não era. Mesmo assim, a seguiram até a casa de sua avó. Os três porquinhos entraram na casa e começaram a acusar a mulher que estava deitada conversando com Chapeuzinho de ser o Lobo Mau e que eles estavam ali para salvar a menina. De repente, saiu de um canto um homem armado querendo surrar os três porquinhos. Estes imploraram ao homem que não os matasse, a menina explicou que eles achavam que ela era a Chapeuzinho Vermelho e que a sua avó era o Lobo Mau. O homem por dó não os matou e os fez prometer que iriam morar direitinho e bem comportados no seu chiqueiro e eles prometeram. Ainda hoje lá vivem, sem pensar mais em aventuras, com a Chapeuzinho Verde lhes contando histórias. Estão felizes e satisfeitos.

8. Considerações Finais

“(…) à medida que as crianças se fundem nas personagens, elas mais claramente se identificam e se constituem como sujeitos sociais. Nesses jogos, assumindo os mais diferentes papéis, intensifica-se a descentração em relação a si mesma e a abstração e conceituação em relação ao mundo, que as fazem crescer em direção à expressão e comunicação. Nesse processo de transformação, partindo dos limites entre o real e o imaginário, a criança extrai conscientemente, (...) a compreensão essencial e necessária para trabalhar sua condição de ser social e de ser 'falante'.” (FRANCHI, *apud* FONTES, 1997, p.48)

Para ter sucesso no trabalho com o uso dos livros, como aponta Maria Alice Faria (2012), o professor deve conhecer os elementos que compõem as narrativas: "Assim ele pode perceber as sutilezas e as muitas maneiras de ler um livro, atendendo sempre 'as expectativas e competências dos pequenos leitores. Com isso, sem dúvida, tornará a atividade de leitura em sala de aula muito mais rica e prazerosa" (FARIA, 2012, p.13) .

Considerando que para elaborar o seu trabalho com a leitura, o professor:

“(...) precisa ler primeiro essas obras como leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo tema sem pensar ainda na sua utilização em sala de aula. Em seguida, virá a leitura analítica, reflexiva, avaliativa, pois, como afirma o especialista francês Christian Poslaniec, 'um livro não se resume ao seu estilo' e tanto o tema como a linguagem do livro lido podem ser tratados de modo estereotipado ou criativo. Poslaniec propõe uma noção de 'riqueza' na hora de selecionar os melhores livros a serem levados 'a sala de aula são aqueles que 'utilizam de maneira criativa várias instâncias oferecendo ao leitor várias ocasiões de penetrar na estrutura profunda da obra.” (FARIA, 2012, p 14)

Vou apresentar agora algumas competências que, segundo Poslaniec & Houyel (*apud* FARIA, p.18) as crianças já têm antes mesmo da alfabetização: domínio da Língua oral, domínio da capacidade abstrata de associar, conhecimento objetivo da leitura, conhecimento intuitivo de que ler é compreender. Entretanto, as competências das crianças não são somente antes da sua ida à escola, também se complementa nela ou em atividades de leitura em geral. Completando, cabe à escola ampliar essas competências que a criança possui antes da alfabetização, introduzindo-a no domínio de alguns aspectos literários que já estão presentes em narrativas infantis e dos quais o mais "natural" é a vivência de uma história.

Conclui-se então que a formação do leitor na infância não pode prescindir de determinadas competências ligadas à compreensão do texto e, conseqüentemente, à satisfação que este pode proporcionar à criança, considerando também, segundo diz Maria Helena Martins (*apud* FARIA, 2012, p. 15), que: "o homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos".

E sobre a variedade da literatura para crianças, que abrange diferentes tipos de contos entre os tradicionais e os modernos, afirma Léon (*apud* FARIA, 2012, p.24) "os contos tradicionais (contos de fadas, contos maravilhosos, etc.) tocam aspectos muito importantes de nossa natureza e de nossa história [pois] o conto constrói/estabelece o ser humano como um ser de linguagem e de cultura, para o qual as atividades de sobrevivência (alimentos, roupas, relacionamentos com animais e plantas) adquirem dimensões imaginárias e simbólicas". Por isso, contos de fadas, lendas em geral de todos os povos, fábulas e histórias populares continuam a ser apreciados e a fascinar as crianças.

Referências Bibliográficas

DURAND, M & BERTRAND, G. *L'image dans les livres pour enfants*. Paris: L'Ecole des loisirs, 1975.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.

FONTES, Naldeli. *Análise de uma prática de alfabetização: estratégias de mediação numa perspectiva construtivista*. Dissertação de Mestrado. São Carlos, 1997.

FRANCHI, Eglê P. *Pedagogia da Alfabetização - da oralidade à escrita*. São Paulo: Cortez, 1988.

LÉON, R. *Littérature de jeunesse à l'école*. Paris: Hachette, 1994.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Os Três Porquinhos. São Paulo: Globo, 1991. Coleção da Xuxa: Conte Outra Vez,

POSLANIEC, C. & HOUYEL, Ch. *Activités de lecture à partir de la littérature de jeunesse*. Paris: Hachette, 2000.

POSLANIEC, C. *Vous avez dit "littérature" ?* Paris: Hachette, 2002 (Encyclopaedia).

REGO, Lúcia L. B. Repensando a prática de alfabetização. Em: SÃO PAULO. *Isto se aprende com o ciclo básico*. SP: SE/CENP, 1987 (Projeto Ipê).

VERISSIMO, Erico. *Os três porquinhos pobres*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.